



MÚLTIPLOS OLHARES ACERCA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EJA EM UM CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA¹

MULTIPLE LOOKS ON EJA TEACHERS FORMATION THROUGH A PEDAGOGY COURSE AT DISTANCE

Damiana Ballerini²

RESUMO: O presente artigo apresenta uma investigação acerca das percepções de professores-alunos do PEAD - Curso de Licenciatura em Pedagogia: Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atuantes na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, na Rede de Ensino Pública de Gravataí, Rio Grande do Sul. O PEAD vem sendo oferecido na modalidade à Distância pela UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por meio da realização de estudos de caso e a partir de entrevistas semi-estruturadas feitas com estes professores-alunos, faço uma análise do que eles pensam sobre as diferentes modalidades de ensino: EJA e EAD, além de verificar as transformações percebidas por eles desde o início do curso de graduação até o momento atual de estudo em relação às próprias práticas pedagógicas enquanto docentes. Busco desta forma lançar um olhar acerca da influência da formação acadêmica realizada na modalidade à Distância nas práticas pedagógicas dos professores-alunos do PEAD. É importante ressaltar que sujeito professor-aluno, neste estudo, vem sendo constituído pela EAD, sobretudo pelo PEAD. Desta forma problematizo: quais as implicações desta formação acadêmica à Distância nas práticas pedagógicas dos docentes que atuam na EJA?

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores, Práticas Pedagógicas, Educação a Distância.

ABSTRACT: This article presents an investigation over the teachers-pupils perceptions of the PEAD - Pedagogy Degree Course: Initial Years of the Basic Teaching - acting in the EJA modality – Young and Adults Education in Gravataí's Public Schools, Rio Grande do Sul. This PEAD is being offered to the distance learning modality by UFRGS - Federal University of Rio Grande do Sul.

Through carrying out case studies from semi-structured interviews done with these teachers-pupils, I intend to do an analysis of what they think so far on different modalities of teaching: EJA and EAD and also check the transformations noticed by them since the beginning of the degree course up to the moment of this study, taking into consideration their own pedagogic practices while

¹O presente artigo foi ligeiramente revisado e também apresentado em uma jornada educacional na Argentina.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista na área de Educação de Jovens e Adultos pela mesma universidade. cursando especialização em Tutoria em Educação à Distância na UFRGS. E-mail: damiby2002@yahoo.com.br



working as teachers. In this way, I look into the academic formation influence done by the distance learning modality in pedagogic practices of the PEAD's teachers-pupils. It is important to emphasize that the subject 'teacher-pupil' in this study is constituted by the EAD, in this case specifically by the PEAD. In this way, I question: what are the implications of this distance learning academic formation in the teachers' pedagogic practices who work in the EJA?

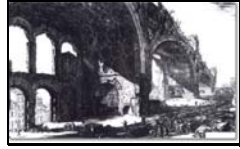
KEY- WORDS: teachers formation, pedagogic practices, distance learning education.

UM BREVE HISTÓRICO E AS POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS DA EAD

A Educação à Distância (EAD) “surge a partir de uma proposta de tornar possível a instrução [. . .] a parcelas da população que se encontram distantes [espacialmente] da possibilidade de estudar nas instituições escolares.” (FRANCO, 2004, p. 9) Argumenta-se que a implantação da EAD possibilita a “democratização do conhecimento produzido pela humanidade”, tornando a educação mais acessível a partes da população que não tem acesso ao ensino presencial. Ainda, “há autores que colocam a origem da Educação a Distância no costume antigo de se escrever preceitos religiosos que eram passados para comunidades distantes.” (FRANCO, 2004, p.9)

Desta forma, a Educação à Distância “[. . .] registra seus primeiros passos no século XVIII, por meio de cursos por correspondência.” (SARTORI; ROESLER, 2005, p. 25) Já na “segunda metade do século XIX, a EAD começa a existir institucionalmente”. Bem como também aponta Franco:

A difusão da EAD se deu em meados do século XIX. A revolução industrial trouxe novas condições tecnológicas, profissionais e sociais. Aliando-se, ainda, a utilização da imprensa de Gutenberg e o desenvolvimento postal na Europa, começaram a surgir muitas escolas por correspondência em países como França, Inglaterra e Alemanha. Estas entidades ofereciam instrução àqueles que eram deixados de lado pelo sistema educacional [. . .] (FRANCO, 2004, p. 10)



A EAD, mediada pela *internet*, para muitos, emerge como uma possibilidade de Educação do século XX – XXI diante de uma crescente demanda por uma educação superior. Durante o Quarto Congresso Internacional de Educação Superior, realizado em Cuba no ano de 2004: “A EAD foi reconhecida como alternativa de oferta de educação permanente, de novas oportunidades de estudos superiores e de desenvolvimento de sistemas cooperativos de ensino.” (SARTORI; ROESLER, 2005, p.18)

Em um contexto global tecnológico, até meados da década de 90, vemos os impactos da informática concentrados nos países capitalistas mais desenvolvidos. A partir da metade da década de 90, inicia-se a consolidação da *internet* comercial no Brasil³, o chamado “*boom*” do acesso a essa tecnologia por alguns cidadãos brasileiros. Hoje temos milhões de usuários domiciliares. Anteriormente, a *internet* estava restrita aos meios acadêmicos. E esse número de usuários vem aumentando gradativamente, sendo que a questão do seu acesso está ainda reduzida a uma parcela muito pequena da população brasileira.

“A Internet, a rede das redes, é anunciada, muito freqüentemente pela própria mídia, como a porta para uma democratização da comunicação” (PINHO, 1999, p. 119). Desta forma, a *internet* atua numa mudança de entendimento acerca de espaço e de tempo, mudança nas relações sociais e na Educação. Então vejo, neste estudo, a Educação à Distância como uma possibilidade de se oferecer uma educação a um grande contingente de pessoas, sem necessariamente seus participantes estarem dividindo o mesmo espaço físico para sua aprendizagem, dividindo, sim, diferentes espaços virtuais.

Muitos vêm na EAD, mediada pela *internet*, uma possibilidade de Educação do século XX – XXI, diante de uma crescente demanda por uma educação superior. Durante o Quarto congresso Internacional de Educação Superior, realizado em Cuba no ano de 2004: “A EAD foi reconhecida como alternativa de oferta de educação permanente, de novas oportunidades de estudos superiores e de desenvolvimento de sistemas cooperativos de ensino.” (SARTORI; ROESLER, 2005, p. 18)

³Com a criação da portaria 004/95, o Ministério das Comunicações “liberou a operação comercial da rede no país”. Conforme reportagem publicada “Internet brasileira comemora dez anos de abertura ao grande público”.



O Curso de Pedagogia à Distância da UFRGS

De acordo com Carvalho; Nevado; Bordas (2006), o curso Licenciatura em Pedagogia a Distância: anos iniciais do ensino fundamental (PEAD) foi criado por um “consórcio entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) e o Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CCE/UFSC)” (CARVALHO; NEVADO; BORDAS, 2006, p. 15) e prevê a graduação de 400 professores que exercem a docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental, de escolas públicas estaduais e municipais do Estado do Rio Grande do Sul. Como salienta Carvalho; Nevado; Bordas (2006), o curso está estruturado em 9 semestres, perfazendo 3.225 horas (215 créditos), sendo 400 horas a serem desenvolvidas ao longo de 6 semestres, 400 horas de Estágio Supervisionado, “2.225 horas para desenvolvimento dos conteúdos específicos” e 200 horas para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES-ALUNOS DIANTE DAS DIFERENTES MODALIDADES DE ENSINO: EAD E EJA

Os Professores-Alunos Entrevistados

Os professores-alunos entrevistados são oriundos de uma formação acadêmica em Pedagogia (em andamento – 1º semestre, 2006/2, no momento das entrevistas) na modalidade a distância e que atuam como docentes na modalidade presencial de Educação de Jovens e Adultos. A maioria dos entrevistados apresenta uma jornada de trabalho de 60h semanais quando iniciaram o PEAD, atuando tanto na Educação de crianças quanto na



EJA⁴. Dos quatro alunos⁵, três possuem formação em Magistério e um, somente, com Ensino Superior. Desta forma, problematizo as implicações da formação acadêmica a Distância (PEAD) nas práticas pedagógicas destes alunos.

As Experiências dos Professores-Alunos na EAD e na EJA

Os alunos entrevistados⁶ enfatizam a escolha da modalidade de Educação à Distância, para complementar sua formação, devido as suas cargas horárias semanais elevadas de trabalho, o que não permitiria um acompanhamento como o exigido em um curso superior presencial:

Eu já tinha iniciado duas vezes o curso superior, mas as duas vezes eu não concluí. Então agora o PEAD é realmente o curso de graduação que eu vou iniciar e concluir [...] Muitos anos, eu trabalhei 60 horas, e então eu já procurava um Ensino à Distância, eu já tinha computador em casa⁷. (Roberto)

Com relação ao conhecimento e ao uso das TICs⁸, somente Roberto já havia tido um contato, anterior ao curso, com computador e *internet* utilizando-o como uma ferramenta no planejamento das próprias aulas. Ainda ressalta a necessidade que sente em trocar informações com outros professores distantes geograficamente, por meio do uso da *internet*, sobre suas práticas pedagógicas:

O primeiro computador que eu tive foi IBM, eu adquiro basicamente para duas coisas: que era lazer (navegar na internet, etc) e já para o trabalho. Embora eu notava assim, que na internet eu não encontrava muita referência para o professor, para aquele professor lá de 4ª série, não. Eu encontrava muita publicação de obras, mas não tinha aquela

⁴ EJA – Educação de Jovens e Adultos.

⁵ Neste caso, quando fala de alunos, me refiro aos professores-alunos, como no caso a seguir.

⁶ Para resguardar os entrevistados, atribuirei nomes fictícios para cada um deles no decorrer deste estudo, utilizando os nomes: Roberto, Rosa, Carlota e Maria.

⁷ Utilizarei este tipo de formatação para diferenciar os trechos de entrevistas das citações.

⁸ Tecnologias de Informação e Comunicação.



coisa para o meu cotidiano. Eu queria ler o que o professor lá do Amazonas tinha feito, eu queria ter essa troca. Coisa que a gente agora faz, com MSN, orkut... (Roberto)

Rosa diz que seu contato com o computador antes do curso não era para o manuseio do equipamento, "...até agosto (2006) eu só sabia tirar o pé do computador...", tendo dado os primeiros passos na utilização do mesmo durante o próprio curso.

Assim como Rosa, Carlota também enfatiza não ter tido contato com computador antes de iniciar o curso: "Na época eu tava com o computador estragado, eu não sabia nem ligar, logo que saiu a gente comprou, eu nunca 'dei bola'".

Rosa, também fala de seu desejo em iniciar um curso superior, pois já trabalhava há vários anos como docente tendo formação também em Magistério e uma jornada de trabalho de 60h:

Esse ano (2006) eu tinha posto como meta iniciar um curso superior.
(Rosa)

Esse ano eu completo vinte e cinco anos de Magistério, mas é pra mim todo ano é um ano novo, todo ano é uma turma nova, eu estou sempre buscando mais. Eu sou uma pessoa que desde o começo, eu comecei a minha carreira sempre buscando, sempre em busca, sempre tentando em inovar, sempre buscando a inovação. (Rosa)

Rosa continua expressando sua dificuldade inicial e seus primeiros passos no uso de um computador. Por ter apresentado tal dificuldade e por perceber as dificuldades de aprendizagem dos próprios alunos que alfabetiza, ela conta a eles sobre as dificuldades pelas quais ela mesma vem passando no desenvolvimento do curso, com o objetivo de tranquilizá-los e igualá-los em relação a ela:

E então eu digo pra eles (alunos), eu comparo, eu conto para eles tudo o que, e que a dificuldade deles em aprender está sendo a mesma que a minha e eu também digo pra eles é um bicho (o computador). Pra deixar eles mais tranquilos em questão a mim, uma comparação entre nós dois. Então a gente vai pro Telecentro, daí eles escrevem no computador, digitam no computador... (Rosa)



Desta forma, vemos nos trechos anteriores como parece haver um caráter de flexibilidade do tempo na EAD. Assim, como enfatiza Saraiva (2006) em seu estudo sobre EAD dizendo que:

[. . .] A expressão Educação a Distância sugere, ela própria, uma concepção de uso do espaço diferente daquela tradicionalmente presente na organização da escola moderna. A co-presença dos corpos já não se constitui condição necessária para o educar. O encontro já não necessita da sala de aula, mas acontece no [. . .] ciberespaço. Além disso, a separação não é apenas espacial, mas também temporal, tendo em vista que a maioria das atividades será realizada de forma assíncrona. Uma das vantagens mais freqüentemente citada da *EAD* é a de permitir ao aluno estudar aonde quer que esteja e quando lhe for mais conveniente. (SARAIVA, 2006, p. 24-25)

A partir da problematização proposta por Saraiva, podemos pensar em quanto, neste caso, a EAD tem feito um investimento importante na constituição de identidades, bem como, nas formas de se situarem enquanto sujeitos professores. Neste caso, vejo também que os alunos apresentam dificuldades na apropriação, em suas práticas pedagógicas, dessas tecnologias utilizadas no curso, mesmo que este esteja produzindo mecanismos para que os docentes possam reivindicar e fazer uso das TICs em suas atividades docentes, como podemos perceber nos trechos a seguir.

E por outro lado, mesmo que os professores-alunos expressem essas dificuldades encontradas ao longo do caminho, sendo estas, relacionadas aos diferentes fatores: à interação a distância, o uso das tecnologias, a formação acadêmica e a disponibilidade para utilizar o computador tanto em seus domicílios quanto nas escolas onde atuam; os mesmos salientam também que de alguma forma percebem as mudanças ocorridas em suas práticas pedagógicas enquanto docentes, propiciadas por meio das trocas de experiências e reflexões provocadas pelo PEAD, tanto no que diz respeito ao uso das tecnologias quanto em relação às leituras sugeridas ao longo do primeiro semestre.

[. . .] eu acho assim que tem contribuído muito à minha formação, quanto aos pensadores, quanto que te abre, tu estudando como tu vê que pode trabalhar com coisas diferentes. Eu vi com eles (alunos) o filme: “Música do Coração”, eu trabalhei com eles esse filme, foi enriquecedor, nossa. Fazer uma faculdade, todo mundo diz faculdade só pra ter, tu tem



que correr atrás, te abre outras portas, é diferente. Eu acho que me possibilitou muitas coisas diferentes nesse semestre. (Carlota)

Eu trabalho com meus alunos agora com computador, porque a escola tem Telecentro. Eles trabalham muito no computador e eu ajudo eles [...] pra eles é tudo difícil, porque eu tenho alunos que nunca, não conheciam [computador]... entrou não conhecendo a letra “a”, nenhuma vogal. E hoje eles já tão conhecendo e então a gente vai muito pro computador e eu digo pra eles que eu também tô me alfabetizando dentro do computador. E então assim, que eles estão se alfabetizando para a leitura e eu tô me alfabetizando na tecnologia. (Rosa)

Roberto também complementa que apesar de ter tido contato com computador, antes mesmo de se matricular no curso, não o utilizava em suas aulas presenciais e, foi somente após iniciar o PEAD que passou a utilizar esse recurso tecnológico com seus alunos, pontuando este fato como uma mudança positiva em sua prática pedagógica.

Na prática, no finalzinho do ano passado, eu já consegui fazer [atividade com computador], parece um absurdo, pois eu não havia feito, que era levar os alunos para a sala de informática da escola, porque até então, antes do PEAD, eu não entendia como eu poderia fazer um trabalho com uma turma de trinta alunos e seis computadores. Pra mim isso não iria acontecer, e nas aulas do PEAD eu vi que isso era possível porque um ou outro professor solicitava, faça dessa maneira com tantos alunos... (Roberto)

Durante a realização das entrevistas, as alunas Carlota, Rosa e Maria quando questionadas sobre a possibilidade de uma Educação de Jovens e Adultos na modalidade à distância, pensam haver maiores complicações, pois os alunos da EJA necessitam, segundo elas, de maior contato físico. E no caso, de uma Educação a Distância, isso os afastaria. Sendo possível de outra forma, se houvesse um número maior de encontros presenciais.

Diante do estudo realizado, percebo a Educação a Distância utilizando mecanismos para a constituição de identidades de professores através de várias ferramentas e ambientes utilizados para este ensino. Esta que salienta ser uma “nova” metodologia de ensino que tem por base o uso das “novas” tecnologias, sobretudo o uso da *internet*, mas que opera com mecanismos de controle também encontrados no ensino presencial. Sendo assim, a



EAD produz determinadas identidades de docentes para que possam reivindicar e fazer uso de mecanismos e ferramentas tais como o computador e a *internet*.

A formação de professores tem sido uma das metas a serem cumpridas por parte do poder público para amenizar de alguma forma, um número grande de professores sem formação, a nível superior, atuando em nossas escolas brasileiras. A respeito dessa formação, Neder (2006) ressalta que geralmente a Educação a Distância é apresentada como uma possibilidade de Educação que pode “[. . .] contribuir para uma maior democratização do acesso à educação superior.” (NEDER, 2006, p. 79) e que é importante não vinculá-la somente ao viés de democratização. Neste caminho:

A formação do professor coloca-se na atualidade, em razão do grande contingente ainda a ser formado, como questão urgente na política educacional do país e nas diretrizes das universidades, não só em termos de sua dimensão quantitativa, mas também qualitativa. (NEDER, 2006, p. 80)

Neste mundo contemporâneo há múltiplas possibilidades de apresentação da Educação e diversos olhares que devemos ter sobre ela. E compreender a dinâmica das transformações provocadas pela *internet* e o fazer de uma educação mediada pela utilização dessa tecnologia, está entre os desafios que nos propomos enquanto indivíduos buscando compreender essa dinâmica. Nesta mesma direção, a reportagem *Internet brasileira comemora dez anos de abertura ao grande público* traça um breve panorama da internet no Brasil, nos remetendo ao seu início, na década de 90 do século XX; falando da problemática do acesso a essa tecnologia em escolas públicas. Lá “o problema vai além da questão de ter ou não computadores em sala de aula; [e sim] das maneiras de aproveitamento deste que pode ser um importante instrumento a mais para a rotina educacional”, mas não o único.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES



O estudo me possibilitou uma reflexão mais profunda sobre a sociedade contemporânea na qual vivemos, o que torna mais urgente a demanda por formação tanto a nível pessoal quanto profissional que possibilite o acesso às mais diversas redes de informações e conhecimento. E neste contexto, temos a “revolução” da *internet* nas relações sociais e conseqüentemente educacionais.

Devemos lançar outros olhares a respeito de novas tecnologias, educação e sociedade, em um “[. . .] mundo contemporâneo [que] vive uma transformação acelerada de sua percepção do tempo.” (SILVA, 2001, p. 23). Com essas novas tecnologias “[. . .] o lugar do saber se descentraliza e se expande, fazendo com que o conhecimento esteja em todo lugar e em nenhum lugar. A espacialidade do saber que a escola monopoliza se esvai.” (SILVA, 2001, p. 22).

Finalizo expressando que, escrever não é uma tarefa fácil, pois demanda leituras, acumuladas durante nossa vida, nossa trajetória acadêmica sobre nossas vivências e nossas percepções do mundo, do outro, nossas leituras de nós mesmos e reflexões que fazemos acerca delas. Por isso, escrever este artigo está sendo, neste momento, um desafio para mim, um desafio em navegar pelo desconhecido, explorando diversos caminhos para tentar traçar um rumo a seguir. Até pouco tempo, me era desconhecido vários termos com os quais trabalho hoje. São palavras “novas” que foram sendo aos poucos agregadas a meu vocabulário: *blog*, EAD, fóruns, interação, *link*, clicar, webfolio, diário de bordo, *Pbwiki*, *login*, *website*, *e-mail*, etc. Tenho navegado por todo esse mundo da *internet*, por esse mundo virtual, que procura uma ligação com o mundo presencial, uma junção entre vários mundos, um deles, o ciberespaço⁹ onde as fronteiras e os limites são tênues, onde os caminhos se cruzam. Traço olhares desde minha perspectiva enquanto tutora (monitora) quanto da perspectiva de alguns alunos do curso (PEAD). Sou uma navegadora na era dos “descobrimientos”¹⁰. Assim como Silva (2001), utilizo aqui “o navegador como metáfora”, que se propõe a viajar por lugares não tão “conhecidos” anteriormente. Desta forma, em

⁹Temos dois conceitos-chave para compreendermos essa transformação em relação ao mundo virtual: ciberespaço e cibercultura. “Entende-se por ciberespaço o novo meio de comunicação surgido da interconexão dos computadores, o que também pode ser denominado rede. Já cibercultura é o conjunto de práticas, atitudes e modos de pensamento que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço.” (LEVY, 1999, apud LEIVAS, 2001, p. 75).

¹⁰ Conforme Silva (2001).



meu papel enquanto atriz atuante neste cenário e pesquisadora, era preciso (re) educar este olhar, trabalhá-lo, desenvolvê-lo, era preciso um certo (re)significar. Para tanto:

Na modernidade foi preciso treinar o olhar, torná-lo competente para classificar, quantificar e medir o que se via, entender a ‘nova realidade’ a partir de uma outra cosmovisão, de um novo sistema ou método, de um novo estatuto da verdade. Neste sentido, foi preciso (re)educar o olhar. (SILVA, 2001, p. 15).

Os tempos parecem ser outros, mas muitas são as angústias que nos fazem refletir sobre nosso papel enquanto educadores, pesquisadores em busca de respostas e caminhos para nossos questionamentos. Como pousar o olhar sobre uma determinada situação? O que analisar? O que interessa para meu estudo? São muitas as perguntas, por isso, precisamos “navegar” por diferentes espaços e tempos para tentar entender o que vemos e vivenciamos.

Com o objetivo de mostrar o movimento da vida e conseqüentemente dos processos educacionais, trago a letra da música *Pela Internet*¹¹, de Gilberto Gil (1996):

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

¹¹ A canção *Pela Internet* fala das possibilidades de interação através da *internet*, na mesma época de consolidação da *internet* comercial em solo brasileiro. Utilizei aqui uma formatação diferente de citação e das entrevistas.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tientes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um vídeopôquer para se jogar¹².

Esta música fala do movimento provocado e propiciado pela *internet*, tanto na questão de acessar diversos lugares sem necessariamente haver um movimento físico. E como a essa nova tecnologia possibilita a comunicação e interação entre as pessoas, nos mais diversos locais de nosso globo terrestre. Festejando a possibilidade de “navegar” pelos “infomares”, e como ações em um determinado lugar pode interferir em outro, através da comunicação e da utilização de diferentes códigos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Marie Jane Soares; NEVADO, Rosane Aragon de; BORDAS, Mérión Campos. **GUIA DO TUTOR**. Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância – Anos Iniciais do Ensino Fundamental (PEAD). Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- FRANCO, Sérgio Roberto Kieling (Org). **Educação a Distância na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹² Utilizei aqui outro tipo de formatação, diferenciando das entrevistas e das citações no texto.



Internet brasileira comemora dez anos de abertura ao grande público. Evolução da Internet: uma década on-line. In: **Revista Nós da Escola**, número 29, p.10. Disponível no sítio *Século XXI* em:

<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1713&cod_chave=2502&letra=c> Acesso em: 25 jun. de 2007.

LEIVAS, Marta. “No olho do furacão”: as novas tecnologias e a educação hoje. SILVA, Mozart Linhares da (Org.). **Novas tecnologias** — educação e sociedade na era da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 73-90.

MENEGOTTO, Daniela Brun. **Práticas Pedagógicas ON LINE**: os processos de ensinar e de aprender utilizando o AVA-UNISINOS. São Leopoldo (RS): 2006. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

MOLL, Jaqueline. EJA como política pública local: atores sociais e possibilidades educativas. In: **EDUCAÇÃO E REALIDADE**. Educação de Jovens e Adultos — letramento e formação de professores. Porto Alegre: UFRGS/FACED, V.29, n.2, jul./dez.2004. P. 9-24.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAES, Raquel de Almeida. **Informática na Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

NEDER, Maria Lucia Cavalli. Educação a distância e sua contribuição na mudança de paradigmas educacionais na formação de professores. In: BRASIL. **Desafios da Educação a Distância na formação de professores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2006. P. 79-86.

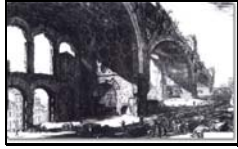
PINHO, Júlio Afonso. Redes Digitais: uma nova sociabilidade? In: RUBIM, Antônio Albino Canelas et al. (Orgs.). **Práticas discursivas na cultura contemporânea**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1999. P. 111-132.

SARTORI, Ademilde; ROESLER, Jucimara. **Educação superior a Distância**: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line. Tubarão, SC: Ed. UNISUL, 2005.

SILVA, Janice Theodoro da; GARRIDO, Susane. Educação a distância: antigos dilemas, novas alternativas. In: BRASIL. **Desafios da Educação a Distância na formação de professores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2006. P. 175-190.

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: _____. (Org.). **Novas tecnologias** — educação e sociedade na era da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 11-38.

STRAMARE, Odilon A.; SANT’ANNA, Sita Mara Lopes. Uma retomada sobre a Educação de Jovens e Adultos. In: SANT’ANNA, Sita Mara Lopes (Org.). **Aprendendo com Jovens e Adultos** — Revista do Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos (NIEPE-EJA). Porto Alegre: PROEXT / UFRGS, 2001. P. 9-20.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.
